

# **CIDADE: OLHARES E TRAJETÓRIAS**



Sandra de Sá Carneiro  
Maria Josefina Gabriel Sant'Anna  
(Organizadoras)

CIDADE: OLHARES E TRAJETÓRIAS

**G a r a m o n d**

*Copyright © dos autores, 2009*

Direitos cedidos para esta edição:

**Editora Garamond Ltda.**

Telefax: (21) 2504-9211

editora@garamond.com.br

*Diagramação*

Luiz Oliveira

*Capa*

Estúdio Garamond / Anderson Leal

A partir de fotografia São Paulo, de Alicia Nijdam,  
disponível em <http://www.flickr.com/photos/anjdam/2361793819/>  
sob licença Atribuição da Creative Commons  
(detalhes em <http://creativecommons.org/licenses/by/2.0/deed.pt>)

*Revisão*

Carmem Cacciacarro

CIP-BRASIL, CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

DO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS

---

C51

Cidades, olhares, trajetórias / Sandra de Sá Carneiro, Maria Josefina Gabriel Sant'Anna  
(organizadoras). - Rio de Janeiro : Garamond, 2009.

480p.

ISBN 978-85-7617-164-5

1. Sociologia urbana - Rio de Janeiro (RJ). 2. Crescimento urbano - Rio de Janeiro (RJ).  
3. Violência - Rio de Janeiro (RJ). 4. Antropologia urbana. I. Carneiro, Sandra de Sá. II.  
Sant'Anna, Maria Josefina Gabriel.

09-5159.

CDD: 307.76098153  
CDU: 316.334.56(815.3)

---

Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, por  
qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

# Sumário

**Apresentação** ..... 9

**Parte I - Classes populares urbanas, territórios,  
identidades, urbanização e reestruturação espacial**

Quarenta anos de sociologia das classes populares urbanas..... 21

*Luiz Antonio Machado Silva*

Proximidade territorial e distância social: reflexões  
sobre o *efeito do lugar* a partir de um enclave urbano ..... 43

*Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro*

Cidades, territórios e identidades..... 73

*Ruben George Oliven*

História da urbanização no Rio de Janeiro.

A cidade: capital do século XX no Brasil ..... 85

*Antonio Edmilson Martins Rodrigues*

Entre o Castelo e o Aterro: a identidade do Rio quatrocentão..... 121

*Marly Silva da Motta*

Cidades médias e reestruturação espacial na  
economia fluminense ..... 137

*Angela Moulin S. Penalva Santos*

**Parte II – Habitação, segregação social  
e fronteiras simbólicas**

- O papel do território na configuração das  
oportunidades educativas: efeito escola e efeito vizinhança..... 167  
*Maria Josefina Gabriel Sant'Anna*
- Rio, Zona Norte e Zona Sul: fronteiras para  
além dos estigmas ..... 193  
*Sandra de Sá Carneiro*
- “Tu mora onde?” Território e produção de  
subjetividade no espaço urbano carioca..... 219  
*Fátima Cecchetto e Patrícia Farias*
- Habitação social no Rio de Janeiro: Victor Tavares de Moura e a con-  
tribuição da medicina social..... 241  
*Lidia Medeiros*

**Parte III - Espaço urbano,  
formas de sociabilidades e deslocamentos**

- Uma certa antropologia urbana: a experiência  
subjetiva em ambientes fragmentados ..... 293  
*Maria Claudia Coelho*
- Amigadas em meio urbano: experiências de pesquisa ..... 309  
*Claudia Barcellos Rezende*
- Assistindo a *Voando para o rio* 75 anos depois ..... 317  
*Bianca Freire-Medeiros*
- A dimensão do lugar sagrado: ratificando  
o domínio da emoção e do sentimento do ser-no-mundo ..... 329  
*Zeny Rosendahl*

Música e fé: dinâmicas entre os evangélicos ..... 339

*Márcia Leitão Pinheiro*

As redefinições sociais dos migrantes *nordestinos*  
no Rio de Janeiro ..... 355

*Fernando Cordeiro Barbosa*

A passagem da Feira de São Cristóvão para  
Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas  
a partir das lentes do documentário *Turmalina Paraíba* ..... 375

*Nicolas Alexandria*

#### **Parte IV - Cotidiano, cultura e política**

De praias que viram morros: deslocamento  
de população na Ilha Grande (RJ)..... 399

*Rosane Manhães Prado*

Mudanças do religioso em uma metrópole em mudança..... 421

*Clara Mafra e Claudia Swatowski*

Rituais e política: manifestações contra a  
violência no espaço público ..... 431

*Márcia Pereira Leite e Juliana Farias*

Quem pacifica o “pacificador” e quem  
tem medo do “caveirão”? As representações da violência  
segundo jovens da favela no Rio de Janeiro ..... 455

*Viviane Rocha e Dario Sousa e Silva Filho*

Autores ..... 475



## Apresentação

Este livro comemora os 25 anos do curso de especialização em Sociologia Urbana do Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ. Várias atividades foram realizadas ao longo do ano de 2006 para marcar essa data. Uma conferência abriu o ano letivo do curso e deu início às comemorações. Alguns meses depois foi organizado um seminário, com apoio da Faperj. Participaram desses eventos pesquisadores de diversas formações disciplinares (sociólogos, antropólogos, economistas, geógrafos), que desenvolvem estudos sobre a cidade e refletem a respeito das distintas realidades que se manifestam no mundo urbano, problematizando, com pertinência, sua complexidade. Tais atividades constituíram-se em espaços de profícuo diálogo em torno de temas como a dinâmica cultural, a segregação urbana, a desigualdade social, a história da urbanização, os movimentos sociais e as formas de sociabilidade e violência na cidade do Rio de Janeiro.

Nesta publicação procuramos disponibilizar e socializar, para um público mais amplo, textos que foram apresentados nas diferentes atividades comemorativas e que, em seu conjunto, revelam as diversas temáticas que animam hoje a reflexão dos estudiosos urbanos. Vale lembrar que essa pluralidade de olhares sobre a cidade sempre esteve presente nas reflexões sobre o urbano nas Ciências Sociais, em suas distintas matrizes teóricas, com diferentes graus de abstração e de generalização.

A reflexão coletiva aqui apresentada sobre a cidade, sob diversos enfoques teórico-metodológicos, reflete de certa maneira a própria

configuração da metrópole contemporânea. Em particular, sua dinâmica, suas transformações e a complexidade dos seus processos internos, que parecem sinalizar para a necessidade e a importância da abordagem multidisciplinar.

O livro estrutura-se em quatro partes. A primeira intitula-se *Classes populares urbanas, territórios, identidades, urbanização e reestruturação espacial* e reúne os trabalhos de seis pesquisadores, de diferentes campos disciplinares, trazendo balanços e reflexões distintas sobre múltiplas dimensões do urbano de maneira geral, e da cidade do Rio de Janeiro de forma mais particular.

O texto de Luiz Antonio Machado da Silva abre a coletânea e tem como origem sua aula inaugural na Uerj, em 2006. O autor parte de sua prática intelectual e acadêmica para refletir sobre o campo da sociologia urbana ao longo dos últimos quarenta anos, com base na sistematização de quatro contextos intelectuais e políticos na área dos estudos urbanos. Assume como problema de pesquisa característico da Sociologia a questão da integração social, que em sua análise se direciona para as chamadas camadas subalternas da população. Considera que seus temas de investigação sempre foram os caminhos da “questão social”, definida como um debate em desenvolvimento pelos próprios atores, por meio do qual eles se reconheciam, hierarquizavam e, eventualmente, confrontavam.

Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro analisa a proximidade territorial entre os moradores de alta renda do Leblon e os da Cruzada São Sebastião, um conjunto habitacional popular localizado naquele bairro, espaço nobre da Zona Sul carioca. O artigo levanta dois tipos de perguntas sobre a proximidade territorial: a) em que medida se poderia gerar, com a proximidade social, trocas e sociabilidades entre moradores tão distintos, capazes de superar as distâncias sociais, favorecendo que os grupos mais pobres se beneficiem dos recursos acumulados no território pelas camadas sociais mais ricas? b) ou, ao contrário, em que medida a proximidade física reforçaria, no território da cidade, as relações de dominação das classes proprietárias e populares no espaço social,

fazendo com que, neste caso, os recursos acumulados no espaço urbano potencializem essa dominação?

Argumentando que as noções de território e fronteira têm existido em diferentes momentos históricos e que seus significados podem variar no tempo e no espaço, Ruben Oliven problematiza a noção de identidades sociais, que normalmente eram associadas a grupos que ocupavam um espaço e nele projetavam valores, memórias e tradições. Mas, lembra o autor, as pessoas viajam e ao chegarem a outros solos elas se adaptam; por isso, ele discute como as noções de desterritorialização e reterritorialização podem ajudar a pensar esses deslocamentos na contemporaneidade.

Por sua vez, Antonio Edmilson Martins Rodrigues analisa o processo de desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro na passagem do século XIX para o século XX, ressaltando que isso implica demarcar seu transcurso de uma situação colonial para a moderna. No entanto, como essa passagem está envolta numa atmosfera de permanências, a discussão central visa estabelecer o significado da entrada da cidade no moderno. Sua análise se encaminha no sentido de mostrar que as contradições, aparentemente resolvidas com o ideal da modernidade, permaneceram latentes na cidade. Dessa forma, para o autor, a civilidade do centro acentuou-se com a miséria da periferia, e vice-versa. Um mundo desconhecido e encoberto contrastava com a modernidade proposta pelas reformas urbanas.

Marly Silva da Motta convida para uma reflexão sobre os marcos urbanos da identidade do Rio de Janeiro, propostos por ocasião das comemorações do seu IV Centenário, ocorrido em 1965. Segundo a autora, naquele momento houve um investimento efetivo na construção de uma nova identidade para a cidade, que perdera, em 1960, a condição de capital do país e havia se transformado no mais novo membro da federação – o Estado da Guanabara.

O texto que se segue, de Angela Moulin S. Penalva Santos, apresenta uma discussão sobre a reestruturação espacial na economia fluminense. Sua reflexão parte da análise da retomada do crescimento

estadual com melhor redistribuição espacial do PIB, particularmente das cidades médias. Para isso, focaliza alguns indicadores demográficos e econômicos dessas cidades, visando discutir o seu papel na rede urbana fluminense.

Chega-se assim à segunda seção da coletânea, voltada para a discussão de temas como habitação, segregação urbana e fronteiras simbólicas, reunindo estudos que investigam a noção de território, a questão das proximidades e distâncias sociais e a constituição de fronteiras simbólicas na cidade.

Maria Josefina Gabriel Sant'Anna apresenta os marcos teóricos e metodológicos de uma pesquisa que investiga o papel dos fenômenos de segregação residencial na reprodução da pobreza e das desigualdades. Indaga, em particular, qual o papel do território na configuração das oportunidades educativas, tendo como base as noções de efeito escola e efeito vizinhança. A investigação é marcada por uma abordagem que transita na interface de duas áreas do conhecimento: a sociologia urbana e a sociologia da educação, tanto em sua aproximação teórica quanto em sua estratégia metodológica. Toma como pressuposto que os vários elementos da vida social podem ser influenciados pelas condições do espaço social em que os indivíduos vivem.

O texto de Sandra de Sá Carneiro problematiza uma ideia recorrente nas imagens apresentadas sobre a cidade do Rio de Janeiro, a de que ela se organiza segundo uma lógica sustentada por um sistema de proximidades e distâncias através da qual seus moradores são inseridos ou classificados no espaço social, particularmente através da representação que opõe a Zona Sul à Zona Norte. Ressalta assim a necessidade de se discutir melhor a ideia de que o Rio de Janeiro seria caracterizado pela nítida projeção de fronteiras simbólicas que parecem decorrer dessa oposição, que é frequentemente perpetuada pelos meios de comunicação de massa, em particular as novelas. Assim, a oposição Zona Norte e Zona Sul deve ser relativizada, bem como as categorias que dão suporte às representações que separam as pessoas segundo valores, visões de mundo e *ethos* particulares.

O terceiro artigo desta seção, escrito por Fatima Cechetto e Patricia Farias, apresenta uma discussão sobre os significados da territorialidade na sociabilidade urbana carioca, procurando transpor a dicotomia cidade maravilhosa/cidade partida a partir da reflexão sobre as novas demandas geradas pela esfera do consumo e que reúnem a indústria do entretenimento, da moda, do sexo e das drogas. Procura, em suma, inserir os novos processos de uma economia global na discussão sobre as sociabilidades urbanas.

O estudo da habitação social no Rio de Janeiro na década de 1940 configura a contribuição de Lidia Medeiros. Sua pesquisa focaliza a trajetória de Victor Tavares de Moura, idealizador dos Parques Proletários, um projeto de habitação social realizado no Rio de Janeiro no primeiro governo de Getúlio (1930-1945). Essa iniciativa é analisada no âmbito do Estado de Bem-Estar Social, no qual a cidadania está atrelada ao *status* de trabalhador assalariado, a quem seriam oferecidos instrumentos de proteção social. As políticas sociais voltadas para a habitação constituiriam, segundo a autora, um marco social de disciplinamento do trabalhador e um dos elementos envolvidos na reprodução da força de trabalho.

Já os textos que tratam mais especificamente da problematização do espaço urbano e de distintas formas de sociabilidades estão reunidos na terceira parte do livro. Abrindo esta seção, Maria Cláudia Coelho analisa a antropologia urbana desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ, que teve como pioneiro e articulador intelectual o antropólogo Gilberto Velho. Focaliza principalmente dois estudos do autor (*A utopia urbana* e *Nobres e anjos*), trabalhos que trazem preocupações que mais tarde se tornariam centrais nessa forma de se fazer antropologia urbana. A autora expõe alguns conceitos e questões que compõem os alicerces teóricos dessa área de conhecimento.

Seguindo nessa linha, Claudia Rezende problematiza os estudos que tem realizado sobre sociabilidade e amizade em diferentes contextos, tanto nacional como internacional. Em suas pesquisas, o tema

da amizade em meio urbano é central, dado que por meio da noção de amizade se pode vislumbrar a construção de vínculos que fornecem ao indivíduo um sentido de pertencimento e localização no mapa social da cidade. Ressalta ainda que a vida na metrópole se torna constitutiva dos próprios significados e práticas de amizade e revela duas questões centrais para o estudo da amizade: o conceito de pessoa que orienta a relação com o outro e os diversos contextos sociais que colocam certas injunções para esta noção.

Já Bianca Freire-Medeiros analisa o filme *Voando para o Rio*, produzido em 1933, primeiro filme produzido em Hollywood sob os auspícios da Política de Boa Vizinhança Americana, e chama a atenção para o fato de o filme ter o Rio de Janeiro como protagonista e de ter funcionado como elemento de divulgação da cidade como destino turístico para um público amplo. Levanta várias indagações ao longo do texto: que cidade era essa que o filme pretendia anunciar? De que maneira o Rio de Janeiro da película dialogava com o Rio de Janeiro que, fora das telas, buscava se consolidar como atração turística internacional? Como assistir, passados 75 anos, às representações do Rio e de seus habitantes que o filme veicula? A busca de respostas a essas questões norteia o desenvolvimento do seu estudo.

Zeny Rosendahl traz uma reflexão sobre espaço e lugar sagrado. Seu propósito é explicar como o sagrado se manifesta no espaço, caracterizando a experiência do lugar. Mostra que a religião imprime uma marca na paisagem através da cultura, ao mesmo tempo destaca que a prática religiosa representa uma das diversas maneiras pelas quais a religião age sobre pessoas e lugares. Entende como prática religiosa aquela expressa por meio da ida ao santuário, das atividades religiosas e do comportamento dos crentes, que envolve interações espaciais.

Preocupada em discutir as mutações do meio evangélico, Márcia Leitão tem desenvolvido seus estudos para as produções musicais e de serviços direcionadas aos fiéis evangélicos e aos potenciais conversos, bem como suas práticas, concepções e bens. Assim, as produções

musicais feitas por grupos de evangélicos em atuação na cidade do Rio de Janeiro e no Brasil constituem o tema tratado no artigo desta autora, que focaliza as atividades de um grupo de leigos (equipe Gospel Night) com a finalidade de evidenciar as articulações, as elaborações, as práticas musicais e os sentidos que integram as possibilidades de associação e de experiência religiosa.

Fechando esta seção, encontram-se os textos de Fernando Cordeiro e Nicolas Alexandria, que apresentam suas reflexões sobre a Feira de São Cristóvão a partir de diferentes recortes. O primeiro propõe o estudo do fenômeno da migração interna na sociedade brasileira. Sua perspectiva teórico-metodológica pressupõe que aqueles que se deslocaram, ao se filiarem a outro espaço social, investiram no aprendizado e na reinvenção de novos códigos sociais. Dessa forma, apresentam-se sob outras identidades e não apenas através de sua condição de “migrantes”.

O segundo autor analisa o processo de mudança da chamada Feira de São Cristóvão para Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, buscando compreender as alterações de certas propriedades desse espaço social. Para isso, discute as novas relações sociais estabelecidas nesse espaço em transformação, uma vez que a razão manifesta pelo poder público para a criação do Centro de Tradições foi a de transformá-lo em um polo de turismo e lazer de grande dimensão, atraindo assim um novo tipo de público. O fio condutor desse exercício de análise está relacionado à produção do filme documentário *Turmalina Paraíba*.

Em sua última seção, o livro contempla estudos que transitam na interface das áreas de religião, cultura e política. Este é o caso do artigo de Rosane Prado, que apresenta uma reflexão sobre as implicações da intensificação das atividades turísticas na Ilha Grande, cujo apelo se sustenta principalmente na representação da Ilha como um paraíso ecológico, sendo boa parte do seu território correspondente a diversas Unidades de Conservação. Para isto, discute o deslocamento da população (nativos/moradores) de seus territórios de origem, em articulação

com a especulação imobiliária e questões fundiárias. E ainda sustenta que, na atualização daquele modelo, ocorre na Ilha uma “situação clássica”, referida por alguns estudiosos como “expulsão dos nativos”: nos lugares de praia, enquanto os novos moradores que chegam ocupam os espaços originalmente ocupados pelos nativos, estes vão se deslocando para trás em relação à orla, para áreas periféricas ou para outras localidades.

Clara Mafra e Claudia Swatowski sugerem em sua análise que não se deve isolar a igreja, concebendo-a como um elemento em uma cadeia de transformações na tensão entre o local e o global ou como um evento diferencial em uma série de sentidos. A proposta é abordá-la em sua simplicidade e concretude. As autoras defendem que a igreja deve ser entendida como um agente/produto de um leque de atividades que se desenvolvem, colapsam, seguem ou são interrompidas, e que acabam por constituir a paisagem de uma determinada região. Para isso, acompanham a evolução e as transformações urbanas de um bairro situado na Zona Norte do Rio de Janeiro – Del Castilho –, onde hoje está situado o maior templo da Igreja Universal do Reino de Deus, que se constitui em um marco arquitetônico do bairro e da cidade.

Os dois últimos textos tratam da questão da violência urbana em situações distintas. Márcia Leite e Juliana Farias criticam a legitimação de uma política de segurança pública que tem como traço norteador a promoção de uma situação de “guerra” permanente contra as favelas. Tal política pode ser caracterizada pelo uso da força desmedida pela polícia. Assim, as autoras trazem duas questões básicas: como se pode resistir à violência policial nas favelas? Como protestar contra o uso desmedido da força nesses locais, contra a prisão arbitrária, o desrespeito aos direitos civis dos moradores e os frequentes homicídios dos moradores, particularmente de jovens e negros? Para responder a estas perguntas, as autoras examinam duas manifestações de moradores de favela contra a violência policial no Rio de Janeiro, analisando as estratégias e os repertórios utilizados e discutindo como estes contribuem

para a ampliação do acesso e da visibilidade dos favelados no espaço público e para legitimação de suas reivindicações por justiça.

Encerra a coletânea o texto de Viviane Rocha e Dario Sousa e Silva Filho, que analisam a atuação das tropas do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope) nas favelas, em especial a presença do chamado “Caveirão” – veículo blindado, negro, armado e equipado com alto-falantes, usado para dar apoio às tropas do Bope.

Segundo os autores, a metáfora da guerra é apresentada num argumento circular que justifica a hermenêutica do terror. Sua lógica é a de que em uma guerra não há tempo para contemporizar, diferenciar alvos camuflados, afinal o tempo é precioso e discutir direitos humanos inverte a vantagem tática de atacar primeiro, com força arrasadora. O artigo procura debater o alcance da “hermenêutica do terror” e da “metáfora da guerra”, como justificativas utilizadas pelo Bope para uma política de exceção de direitos, que são responsáveis por algumas das percepções internas e externas à favela.

Espera-se que o conjunto de artigos reunidos nesta publicação contribua para ampliar a reflexão multidisciplinar sobre o urbano, tornando mais tênues as fronteiras disciplinares e favorecendo uma visão mais integrada da realidade social urbana.

*Sandra de Sá Carneiro*  
*Maria Josefina Gabriel Sant’Anna*